



Desejo e entretenimento: Imaginário homoerótico ocidental - da sublimação ficcional ao produto descartável¹

Autor: Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Instituição: Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

Resumo

O texto analisa o desenvolvimento do homoerotismo no imaginário ocidental, a partir de obras literárias do início do século 20 até sua transformação em produto de massa, através do cinema e da mídia impressa e eletrônica. O sexo como um produto torna-se uma opção a mais no universo do entretenimento e nas viagens a lazer, sendo disseminado através de imagens influenciadas, no imaginário ocidental, pelas artes plásticas, fotografia publicitária e conceitual, cinema e literatura. O sexo, como produto ou entretenimento, não deve incrementar a exploração de adultos ou crianças, especialmente dos países em desenvolvimento onde o turismo sexual predatório já é uma realidade e passa a ameaçar ambos os sexos.

Palavras-chave: entretenimento; homoerotismo no ocidente; turismo sexual

Corpo do trabalho

“O mundo passado e o mundo vindouro.
A transitoriedade comum aos dois.
Sobretudo um saber do âmago que a beleza e a perda são uma coisa só.”

Cormac McCarthy, em “*Cidades da planície*” (p. 86)

O entretenimento é uma grande possibilidade nas sociedades pós-industriais e o sexo é um dos seus setores mais desenvolvidos, ramificando-se em muitos desejos, possíveis ou fantasiados. No amplo contexto segmentado das preferências sexuais, a atração pela beleza adolescente é bastante significativa. Juventude, beleza, saúde, desejo e excitação sexual são amalgamados em padrões mais ou menos universais reproduzidos sistematicamente pelos meios de comunicação de massa.

O sexo, como entretenimento, tornou-se um negócio cada vez mais profissionalizado e lucrativo, oferecido na forma de diversos produtos e serviços: filmes, fotos, *sites* na

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação, Turismo e Hospitalidade.

Luiz Gonzaga Godoi Trigo é graduado em filosofia e turismo, doutor em educação pela Unicamp e livre-docente em Lazer e Turismo pela ECA/USP. Professor da PUC-Campinas e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (USP-Leste). Autor de vários livros e artigos sobre cultura, entretenimento, turismo e educação. trigo@usp.br



internet, casas de “massagem”, saunas, bares, boates, casas de prostituição convencionais, anúncios em jornais, viagens, sex-shops, hotéis e motéis são alguns dos negócios legais envolvidos no mercado sexual. Há ainda o campo da ilegalidade onde proliferam a cafetinagem, exploração e tráfico de pessoas, tráfico de drogas, extorsão, violência física, lavagem de dinheiro e outros negócios ilícitos que, em um mundo onde o crime também é globalizado, perpassam os negócios do sexo, mercado financeiro, corrupção ativa e passiva.

As pessoas possuem um ideal de parceira (o) sexual. Essa idealização é variada e depende dos gostos individuais. Porém, a juventude, a saúde e a estética exercem poderosas atrações. A literatura e o cinema, a mídia impressa e eletrônica, foram fundamentais na elaboração do que se pode chamar de “padrões estéticos sexuais” que atraem o desejo de inúmeras pessoas.

Nesse texto será analisado como o padrão de beleza adolescente masculina foi idealizado em uma obra literária contemporânea sendo posteriormente transformado em ícone através da versão cinematográfica dessa mesma obra e, atualmente, como as múltiplas representações em parte dele derivadas influenciam o universo do mercado sexual proporcionado pela mídia, inclusive nas redes de computadores globais.

A questão principal deste texto é como uma imagem erótica – ou homoerótica – passou de sublimação sexual ficcional para ícone adolescente e, finalmente, entretenimento oferecido pelo mercado que tenta transformar sonhos e desejos em serviços e produtos concretos. O conceito básico de entretenimento envolve a atividades organizadas e pagas para serem consumidas e o sexo muitas vezes é tratado como entretenimento.

No que se refere ao desejo sublimado, a obra literária utilizada é *‘Morte em Veneza’* (1912), de Thomas Mann (1875-1955). O filme é a representação homônima dessa obra, realizada pelo diretor italiano Luchino Visconti (1971). A posterior discussão refere-se a como as análises e desdobramentos do livro e do filme influenciaram o imaginário homoerótico contemporâneo, na mídia em geral e no entretenimento em particular, no que se refere à idealização do adolescente masculino, seja como um objeto para contemplação estética ou produto para ser consumido esteticamente ou sexualmente.



A busca da estética

A civilização ocidental (incluindo os países asiáticos desenvolvidos) realça suas contradições e paradoxos de várias maneiras. Uma delas, no campo estético, é inserir fotos publicitárias em lojas sofisticadas. Nos templos de consumo há uma exposição cuidadosa de perfumes, roupas, relógios, cristais, entremeados por fotos dos mais belos *espécimens* humanos, de ambos os sexos, em geral na explosão sexual de sua juventude. Há um duplo objetivo: chamar a atenção para seus produtos e deixar as pessoas melancólicas com a perfeição da beleza dessas criaturas. Essa publicidade explora uma qualidade efêmera e preciosa que nenhum poder pode comprar: a beleza da juventude. Pode-se admirar, tocar ou gravar em imagens essas perfeições humanas, ou ter a ilusão de possuí-las por alguns momentos, que se esvaem na consumação orgásmica, mas não se pode possuí-las de fato. Apenas os poucos selecionados pela biologia e ajudados pela cultura, possuem essas qualidades. Por algum tempo. Um pouco de tempo, no espaço.

Consumo e desejo; consumo do desejo, desejo do consumo. O fetiche da juventude é uma mercadoria preciosa, desejada e temida.

O desejo expresso em palavras

A literatura apresenta clássicas representações juvenis. Há dois exemplos, entre tantos possíveis, para ilustrar essas imagens. O primeiro remete à beleza juvenil feminina, representado por *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov. O livro foi transformado em filme pela primeira vez, em 1962 (dirigido por Stanley Kubrick) e pela segunda vez, em 1997 (dirigido por Adrian Lyne). O segundo exemplo remete à beleza masculina representada pelo jovem Tadzio, personagem de Thomas Mann, em “*Morte em Veneza*” (1912). Ambos os personagens enaltecem a beleza adolescente, a flor desabrochando, o delicado momento em que a vida explode em sua plenitude cronológica e animal.

A explicitação do erotismo e da pornografia na literatura ocidental é antiga. Um dos textos clássicos é *Satyricon*, de Petrónio (transformado em um clássico filme de Fellini, em 1969, com significativo teor homoerótico), datado do ano 50 D.C. Um dos textos clássicos de erotismo moderno é *Teresa filósofa*, do século XVIII, atribuído a Jean Baptiste de Boyer, o Marquês d’Argens, publicado na França.



Essa literatura não enfoca de maneira privilegiada apenas a mulher. Já nos séculos passados, a figura do homem, e mais especialmente do “boy”, surge com certa frequência e importância. Por exemplo, os textos *O menino do bordel* (1800), de Pigault-Lebrun, *As façanhas de um jovem don Juan* (início do século XX) de Guillaume Apollinaire, e *Minhas etapas amorosas – uma adolescência na Belle Époque* (século XIX) de Émile Desjardins, têm os rapazes como protagonistas e as mulheres como seus brinquedos sexuais. O erotismo foi reprimido pelas três religiões monoteístas ocidentais, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, e pela sociedade burguesa. Até mesmo o socialismo pendeu para a repressão moral, como na antiga União Soviética, sob Stalin. O sexo sempre esteve presente na história da humanidade, mas foi preciso que Freud, outros estudiosos da psicanálise e finalmente as feministas constatassem o poder dessa temática e sua repressão.

Entre os milhares de textos sobre sexualidade, Freud seria o primeiro a ser citado, com suas obras iniciadoras da psicanálise; outros seriam Wilhelm Reich e seus livros *A função do orgasmo* e *Psicologia de massa do fascismo*; Michel Foucault e *História da sexualidade* e o livro de Roger Schattuck intitulado *Conhecimento proibido*. O subtítulo desse último é significativo: *De Prometeu à pornografia*, sendo todo o sétimo capítulo dedicado ao Marquês de Sade.

Há centenas de exemplos sobre sexualidade na literatura, no cinema, na publicidade e nas histórias em quadrinhos, especialmente os *hentai* japoneses. *Hentai* envolve todo tipo de desenhos animados (*anime*), histórias em quadrinhos (*mangas*) ou jogos de computador japoneses com atividade sexual explícita. Os *hentai* subdividem-se em *Yaoi* (referentes à homossexualidade masculina) e *Yuri* (lesbianismo).

O desejo expresso em imagens

Nos *sites* eróticos da internet há um grande número de reproduções de imagens de garotas e garotos, homens e mulheres de várias etnias e estilos, até mesmo fotos de “perfis alternativos” como obesos, idosos etc. Porém as reproduções de garotos são intensamente divulgadas e apreciadas, e não somente pelo chamado segmento gay. Antes de se aprofundar na figura de Tadzio, o adolescente que Thomas Mann “descobre” para atormentar a vida do professor Gustav Von Aschenbach, é importante entender a argumentação da polêmica ensaísta Germaine Greer. Ela publicou, em 2003,



um livro intitulado *The boy* ou *The beautiful boy*. O texto trata do olhar sensual, tanto de homens como de mulheres, centralizados na figura do menino. Ela acredita que a capacidade de despertar desejo é mais intensamente realizada - sendo direcionada a ambos os sexos -, pelos meninos, e tenta provar a tese nas duzentas e cinquenta páginas de seu livro, repletas de fotos instigantes, a começar pela capa, onde está a figura de Tadzio representada pelo ator Bjorn Andresen. O tipo de afirmação feita por Greer pode dar margem a justificativas do turismo sexual infantil ou pedofilia, atitudes que ela não defende, mas deixa provocativamente a pergunta de “quem seduz quem”, em uma lógica ousada que já lhe rendeu tanto críticas iradas como elogios.

O desejo no limite

No assunto de sexo adolescente há os casos limite, onde a sociedade não aceita alguns argumentos mais extremos. É o caso do turismo ou da exploração sexual infantil.

Na história da luta pela liberdade sexual está o trabalho de Edward Brongersma. Esse holandês, nascido em 1911, teve uma vida repleta de acontecimentos excepcionais: foi um jurista importante após a Segunda Guerra Mundial; fez parte do Senado por dezoito anos; ficou preso durante alguns meses por ter se relacionado com um garoto de dezesseis anos; defendia abertamente a pedofilia homossexual; e escreveu, entre 1986 e 1990, uma obra clássica intitulada *Loving Boys*. Sua obra é o primeiro estudo multidisciplinar publicado em inglês, sobre as relações sexuais entre homens e garotos, tema que remete à Grécia antiga e raramente é devidamente discutido.

A exploração infantil cresce no mundo todo graças às facilidades proporcionadas pela internet, mas a vigilância por parte das autoridades tende a controlar o abuso dessas práticas, pois a rede mundial de computadores possui bloqueios e possibilidades de identificar os usuários e produtores dessa prática. A miséria em alguns países também possibilita a exploração infantil, algo bem mais difícil de combater. É importante realçar que não são apenas as meninas as vítimas de abusos sexuais. Em vários países do mundo o turismo e a exploração sexual atingem também os meninos. As crianças de ambos os sexos devem ser protegidas de todas as maneiras dessas práticas condenada por todas as nações do mundo.



Há um consenso global de que não há justificativa ou explicação razoável para o abuso, sexual ou de qualquer tipo, de crianças, especialmente as oriundas de países em desenvolvimento onde a miséria as deixa mais expostas a essa violência, especialmente por parte de turistas ou visitantes de países mais ricos que viajam com o explícito propósito de exploração sexual infantil. Essas práticas, sob todas as formas de interpretação legais, são criminosas e devem ser combatidas por toda a sociedade.

O “turismo sexual” de Aschenbach

Mas é a figura de Tadzio que pode exemplificar como a adolescência seduz e a cultura de massa explora, de forma pretensiosamente anódina, mas sensual, a beleza que nada tem de inocente. Thomas Mann, segundo seu biógrafo Donald Prater, possuía uma homossexualidade enrustida, sublimada pela sua família. O encontro fortuito e desprovido de contato físico entre seus personagens no romance, o velho artista e o juvenzinho, em pleno verão de Veneza, tem algo de autobiográfico, pelo menos na esfera do desejo. O livro, transformado em filme por Luchino Visconti, e suas conseqüências estéticas ainda se fazem sentir no ocidente.

O filme marcou uma época e simbolizou um desejo. Geraria desdobramentos na arte. Há vários “Tadzios” que se desdobram a partir do original, mas qual seria o “original”, o da literatura ou o representado no cinema?

O primeiro Tadzio é o descrito por Thomas Mann. Naquele cenário algo aconteceu com Mann. Em seu diário, transcrito por Donald Prater, o escritor desvela seus anseios: “*E, contudo, o passado guarda muitos tesouros. Sem dúvida, o meu entusiasmo pelos rapazes tem crescido de forma tempestuosa ultimamente, talvez devido ao sentimento de que o fim está próximo.*” (pág. 540).

O jovem Tadzio estava destinado a multiplicar-se. Descrito no texto como “*botão desabrochando num encanto incomparável - a cabeça de Eros, sobrancelhas finas e sóbrias, têmporas e orelhas cobertas pela sombra sedosa dos cabelos encaracolados*” (pág. 49), visto de longe, jamais tocado, apenas desejado na imaginação conturbada de um idoso, esse personagem foi imortalizado por um cineasta. O diretor italiano Luchino Visconti apresentou, em 1971, um Tadzio incorporado pelo corpo do jovem e inexperiente ator sueco Bjorn Andresen. Nascido em 1955, em Estocolmo, ele foi



levado às telas no esplendor de sua adolescência. Apesar do sucesso, Andresen atuou em apenas mais três filmes sem maior importância e submergiu em sua vida pessoal, longe da fama. Foi esse Tadzio, mais exuberante do que o retratado por Thomas Mann, que persistiu no imaginário de seus admiradores e ajudou a fornecer parâmetros para a beleza masculina adolescente contemporânea.

Se Mann possuía uma tendência homossexual reprimida e extremamente discreta o mesmo não se pode dizer de Visconti, que sempre assumiu sua opção sexual e foi reconhecido como um dos gênios da estética cinematográfica. A semente estava lançada.

“Tadzio e Ashenbach são, respectivamente, pré e pós-sexuais (ao menos do ponto de vista da atividade). Mas em vez de situar a sexualidade fora de toda consideração, a novela realmente a marca: Tadzio é toda antecipação; Ashenbach é toda recordação, ainda que o primeiro esteja apenas esboçado e o segundo um tanto ressecado.” (Woods, 1998, pág. 334).

Não há sexo no romance, seja pela idade pueril de Tadzio, seja pela senilidade de Ashenbach.

Mas, se em Thomas Mann, a beleza adolescente é distante, intocada e pura, ao longo do século 20 ela torna-se palpável, explícita e comercializável. Da arte, a estampa do menino vai, aos poucos, transformando-se em entretenimento, organizado e pago para um público sedento de espetáculo e sensações.

Uma outra obra decorrente do romance é a ópera escrita por Benjamin Britten, levada ao palco em junho de 1973, no Aldeburgh Festival em Suffolk, no Reino Unido. Nessa ópera, pouco conhecida, Tadzio apenas dança para a platéia, talvez inspirado no livro de Mann onde o garoto flutua, em silêncio quase absoluto, pelo cenário.

Houve ainda um outro “Tadzio”, criado e transformado em velho devasso pelo escritor espanhol Luis G. Martín, no livro *La muerte de Tadzio*, publicado no ano 2000. Em um texto nada sutil, Martín apresenta um Tadzio idoso, homossexual e cruel. Na capa do livro, em espanhol, está mais uma vez a foto do jovem Andresen.



Mas houve também a busca pelo fato histórico que gerou o romance, a investigação que procurou trazer à luz a pessoa que inspirou o escritor. O livro *The real Tadzio*, escrito por Gilbert Adair e publicado em Londres (2001), pesquisa a origem real do garoto a que Thomas Mann dá o nome de Tadzio e descobre o homem por trás do mito. Em 1911, Mann, aos 36 anos de idade, esteve em Veneza com sua mulher, Kátia, no Grand Hotel Des Bains. Na mesma época, uma família polonesa de sobrenome Moes lá estava hospedada. A família era composta pela mãe, três filhas e um garoto vestido com roupas de marinheiro, dono de uma graça e beleza quase sobrenaturais, segundo o comentário de Adair. O garoto chamava-se Wladyslaw Moes e foi a “musa” inspiradora de Mann. Ele cresceu, tornou-se adulto e pai de família e morreu em Varsóvia, aos 86 anos, no dia 17 de dezembro de 1986. Muitos anos depois daquelas férias e após o filme, Moes soube que ele era o garoto inadvertidamente transformado em personagem do livro de Mann e, logo depois, em ícone homoerótico do filme de Visconti.

A maior parte desses autores e reprodutores do mito está morta: Mann, Britter, Visconti, o próprio Moes, que, independente de sua vontade, forneceu a matéria prima biológica para o sonho. Andresen ainda vive, com mais de cinquenta anos de idade, tendo consumido sua beleza juvenil. O mito permanece e se reproduz na imensa teia do imaginário da cultura contemporânea, inclusive na publicidade.

Sexo e viagens; cultura e entretenimento

“Compreendi por fim que a beleza não foi criada para a contemplação, mas para a lascívia. E então fornei com ele.” (Martín, 2000, pág. 274).

A busca do prazer sexual em lugares distantes de casa não é recente. É conhecido o lema português do século 16 (e da música de Chico Buarque) que afirmava “não haver pecado ao sul do equador”. A possibilidade de ir para outra região ou país e poder fazer algo proibido em seu lugar de origem sempre atraiu defensores e admiradores, especialmente rumo aos países cálidos e pobres das Américas, da África ou da Ásia.

A literatura de viagens está repleta de destinos sensuais e paradisíacos onde os colonizadores, ser medo, vergonha ou culpa, podem degustar das delícias locais, inclusive das (dos) nativas (os). André Gide e Paul Bowles foram à África; os



naturalistas vieram ao Brasil registrar suas belezas; hordas de turistas vão à Tailândia, Caribe e Brasil fazer turismo sexual.

A lógica é a mesma: os paraísos sexuais são países pobres onde os turistas pós-modernos podem aproveitar a estética local por preços módicos. As jovens populações locais são como canteiros de flores frescas, colhidas por poucos dólares. São flores inigualáveis em suas terras, seja pela beleza selvagem ou pela facilidade com que são transformadas em ramalhetes de prazer. Esses arranjos são impossíveis em seus países de origem, inacessíveis pelo preço, pela escassez da matéria-prima ou por legislações mais rígidas, que coíbem a colheita sexual. O turismo sexual passa pela questão econômica.

O fotógrafo Wilhelm von Gloeden foi para Taormina (Sicília), no início do século 20, fotografar meninas e meninos nus, ao ar livre. O Mediterrâneo como uma atração da estética homoerótica é atualmente reconhecido por seus destinos turísticos, especialmente nas ilhas gregas, no sul da Espanha, nas ilhas Baleares, Sicília e sul da Itália:

“O corpo nu é um fruto natural da mãe Terra e do Mediterrâneo... Se o olhar de Gustav von Aschenbach descamba em morte, quando por fim ele pode repousar sobre a beleza de Tadzio, agora sem os dilacerantes questionamentos de sua consciência, o olhar penetrante de von Gloeden examina todos os detalhes da vitalidade dos jovens corpos ... E Tadzio nunca revelou completamente sua nudez.” (Mussa. 2000, pág. 29).

Porém as fotos de von Gloeden revelam e explicitam. Mostram corpos nus, frontais e relaxados, emoldurados pela beleza selvagem dos bosques e montanhas sicilianas, geralmente sob a luz generosa do sol mediterrâneo.

O real, o virtual e o imaginário

“No ponto a que chegamos, a profissionalização da sexualidade no Ocidente tornou-se uma coisa inevitável.” Michel Houellebecq, em *“Plataforma”* (p. 262).

Da arte e da literatura desdobram-se as vertentes inicialmente denominadas pornográficas que, paulatinamente, avançam sobre a cultura ocidental. Com o



desenvolvimento do cinema, da televisão, de métodos gráficos mais baratos e de maior qualidade e, posteriormente, do filme super-8 e do vídeo-cassete, as possibilidades de produção e divulgação de material sem censura se multiplicam. O crescente mundo do entretenimento se apropria da produção cultural, inclusive aquela que pode ser cada vez mais segmentada e dirigida a públicos específicos. Os seres humanos não mais se contentam em olhar a beleza ao longe, perdida entre o sol e o mar. O turismo, o lazer e o entretenimento, aliados às novas tecnologias de transporte e comunicações, possibilitam que essa beleza seja comercializada em escala global.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação (redes interligadas, digitalização, computação gráfica), o aumento da liberdade em grande parte do mundo e as ações civis por direitos humanos em todos os campos, inclusive no sexual, a produção e distribuição de conteúdo erótico literalmente explodiu. A arte, em geral, e o entretenimento, em particular, tornaram-se capilarmente segmentados.

Existe um mercado sexual (*sex market*) em expansão em todo o mundo. Desde a década de 1990 analisa-se o “turismo sexual”, especialmente em países asiáticos, como uma atividade econômica que gera dividendos consideráveis para países como a Tailândia. Não há dados sobre o Brasil, mas certamente o turismo sexual, interno e externo, tem uma força considerável em grandes cidades como São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre e várias capitais do nordeste. Este é um tema polêmico. Pode envolver – ou não – a prostituição, mas geralmente está relacionado com ela.

Há pouco consenso nas sociedades atuais sobre temas como prostituição, pornografia ou opções sexuais alternativas. Com a discussão sobre liberdades individuais e cidadania e o avanço da inclusão social existe a necessidade de discussões cada vez mais amplas e profundas sobre esses temas, a exemplo do que ocorre em outros países. Mas o mercado do sexo despontou e lançou ícones do cinema pornográfico. Em 1972, a atriz Linda Lovelace protagonizou o filme *Deep throat (Garganta profunda)*, uma ruptura com a pornografia convencional ao mostrar explicitamente a feleção para um grande público. O filme rendeu mais de US\$ 25 milhões. Logo depois surge a pornografia masculina destinada primordialmente ao público gay. Um de seus maiores astros foi Jeff Stryker, ator de mais de 40 filmes homossexuais e que depois “comercializou um pênis artificial

de 25 centímetros supostamente modelado em seu próprio membro”. (Friedman, 2002, p. 196).

A partir da crescente liberalidade de costumes e do avanço tecnológico digital, a pornografia funde-se ao setor de entretenimento e turismo e conta com o apoio de vertentes inesperadas, mas altamente lucrativas, como no campo da medicina. Para citar apenas um exemplo, o medicamento Viagra produz uma receita anual de um bilhão de dólares, portanto esse investimento em drogas destinadas a fazer o pênis funcionar é apenas o ponto de partida para as atividades realmente lúdicas. É difícil avaliar o tamanho dos lucros gerados pelo sexo.

O crescimento do mercado sexual, entendido explicitamente como “negócio” destinado a dar lucros e a ser organizado como qualquer outra empresa, abarcou os segmentos heterossexual, homossexual e bissexual. O sexo torna-se mais um produto.

No caso do adolescente masculino, a sua estética sublimada, para ser apenas observada, perde força e apelo. O menino bonito, apolíneo, andrógino, assexuado, objeto idealizado de contemplação, transformou-se em objeto dionisíaco para o desfrute do prazer puramente corporal e posterior descarte. Esse objeto dionisíaco possui mais características femininas selvagens do que propriamente masculinas. O garoto pós-industrial tem mais a ver com Lilith ou com Medusa, pelas características que apresenta como lascívia, amoralidade, perigo, vida e morte. É o feminino transgressor, andrógino, que faz par com a figura da fêmea fatal, sem nada a ver com a maternidade ou com a pureza virginal das vestais dos antigos templos. Tadzio descobre seu lado Lolita.

O produto

Tadzio virou michê. Garoto de rua ou modelo, fotografado, filmado, marginalizado, idealizado, editado, vendido, produzido. Produto. Possui celular, *blog*, *site*, dados técnicos, medidas, peso e preço. Sua data de validade é verificável pela face e corpo ou pelo documento de identidade. É altamente perecível, seja nas passarelas, em frente às câmeras ou nas ruas e camas. Ao se tornar “adulto” tem poucas opções: mudar de profissão, ampliar o alvo do desejo ou sair do mercado.



Um dos fotógrafos e diretores de cinema a mostrar a marginalidade conectada à sexualidade dos adolescentes masculinos foi Larry Clark (*Kids*, 1995 e *Ken Park*, 2002). Seja nos filmes ou nos livros (como no clássico e raro *Teenage Lust*, 1983 ou em *Perfect Childhood*, 1995) Clark cruza a fronteira entre a sublimação sexual rumo ao cotidiano brutal e competitivo. O sexo torna-se uma ferramenta ou rotina de dominação e prazer.

Os garotos de Clark não são modelos de beleza ao estilo “Tadzio”. São banais, alguns até mesmo “feios” ou com “defeitos” (pele manchada, cicatrizes, cabelos sujos, roupas rasgadas), em um estilo bem diferente dos meninos perfeitos da publicidade, dos modelos das passarelas ou dos atores do grupo “Bel Ami”, especializado em comercializar adolescentes para sofisticadas publicações e filmes pornográficos. Os garotos de Clark são mais que transgressores, são marginais e suas vidas são mescladas às drogas, ao crime e à violência. São produtos “podres”, mas paradoxalmente, ainda objetos de desejo, o que significa que podem não ser tão ruins quanto mentes puritanas poderiam imaginar.

Nos países em desenvolvimento esses garotos são comercializados de maneira mais óbvia e, às vezes, brutal. A concepção machista da sociedade, especialmente latino-americana, escamoteia dados referentes à prostituição e turismo sexual. Comenta-se e mensura-se a prostituição feminina, como se a prostituição masculina fosse inexistente ou exceção. Não o é. Em alguns países asiáticos, em vários países europeus (Espanha, Suíça, Alemanha, Holanda) e especialmente no Brasil, a prostituição masculina atinge índices elevados. Basta navegar em alguns dos sites especializados ou caminhar pelas áreas de “michês” (garotos de programa) das grandes cidades brasileiras para perceber a intensidade desse mercado. Para não citar o vasto mercado proporcionado pelos travestis, tanto no Brasil como na Europa, mas cujas características escapam do contexto aqui relacionado ao “boy”.

Seja pela própria discricção mantida por esses garotos, seja pela hipocrisia da sociedade em reconhecer essa realidade, quando se fala em exploração sexual ou prostituição infantil, raramente incluem-se os meninos como sendo objeto dessas práticas. E esse garoto, esse produto sexual, é legalizado e oficializado.



No Brasil a prostituição é legal. Essa profissão está devidamente descrita na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego (www.mtecbo.gov.br). Sob o código 5198, “*Profissionais do sexo*”, está a caracterização desses profissionais: “*Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (Profissionais do sexo)*”.

Como profissional reconhecido e (teoricamente) protegido pela legislação, não há motivos objetivos para escamotear sua realidade de Tadzio-objeto ou mercadoria. Mas a subjetividade social marcada pelo falso moralismo, pela hipocrisia e pelas censuras de alguns grupos influentes (religiosos, conservadores, moralistas etc.) mascara essa realidade.

Se não há discussão e análise da realidade, abre-se o precedente para uma perigosa omissão ou desconhecimento onde a criminalidade e a exclusão afloram, geralmente contra as pessoas menos poderosas e organizadas. Um campo perverso dessa realidade é a exploração sexual infantil, inclusive dos meninos.

Um das poucas organizações internacionais que mapeiam com metodologia científica a realidade da exploração sexual infantil masculina encontra-se na Ásia. É a “*End Child Prostitution in Asian Tourism*” (www.ecpat.org), responsável pela publicação de documentos e pesquisas sobre exploração sexual infantil incluindo dados e relatos envolvendo meninos. No Brasil, o site www.violenciasexual.org.br é indicado pela ECPAT e possui um trabalho similar, mas ainda sem a profundidade da organização asiática.

Fecha-se o círculo da exploração econômica relacionada à exploração sexual. São as meninas e meninos dos países mais pobres as maiores vítimas dessas práticas. Poucas garotas e garotos, maiores de idade e conscientes de suas opções, podem dizer que se prostituem por pura opção profissional. Para a grande maioria das pessoas envolvidas com o mercado sexual a realidade é brutal, pontilhada de humilhações, perigos, intimidações e preconceitos dos mais diversos tipos.



As atuais sociedades pós-industriais possuem um nível maior de liberdade, de informação e de opções comportamentais e isso é um avanço no campo dos direitos humanos, da cidadania e das liberdades civis. Mas as crianças, os pobres e os excluídos, sem condição de defesa ou de acesso à informação e condições dignas de sobrevivência, não podem ser ignorados e entregues às frias letras jurídicas ou às regras do mercado. É nesse ponto que a liberdade individual se depara com a responsabilidade social. Se esses profissionais do sexo o fazem por livre vontade, estão no exercício de seus direitos. Porém se a pessoa é constrangida pela força, pela necessidade ou pela ignorância a se comportar de modo a violar suas crenças, princípios éticos ou consciência, ela precisa de apoio e garantias dadas pela sociedade e suas instituições.

A fruição do prazer e da liberdade individual é uma conquista das sociedades democráticas e pluralistas. Os limites que garantem os direitos daqueles que exercem seu prazer, deve também garantir os direitos daqueles que são obrigados e se tornar objetos de prazer dos outros. O objeto, o “produto”, nesse caso, é um ser humano e a sociedade precisa incluir essas pessoas no espaço da escolha livre e consciente, base da liberdade e da dignidade humanas. Assim como seu cliente, outro ser humano, que imagina adquirir fantasias acomodadas em um corpo para atender seus desejos, suas necessidades e vontades. O profissional e o cliente fazem o jogo do imaginário a ser concretizado em um pouco de tempo num pouco de espaço.

Tadzio deixou de ser sublime. Tornou-se vendável. Suas imagens estão em em *sites*, revistas e jornais. Iguala-se às meninas enquanto objeto. Não está mais hospedado em um *resort* de luxo, como no livro de Thomas Mann. É o mensageiro, o ajudante geral, o garoto da rua, o pequeno viciado, o menino pobre e bonito que sonha em possuir as riquezas que vê ao seu redor. Sabe-se objeto e busca o melhor preço para si próprio. Disputa com as mulheres e travestis. Quem sabe um dia será um ator, um modelo famoso, talvez faça uma faculdade ou um cliente (um príncipe encantado?) o leve para casa. Se ambos forem ingênuos, por alguns dias viverão felizes para sempre.



Referências bibliográficas

- ADAIR, Gilbert. *The real Tadzio – Thomas Mann's 'Death in Venice' and the boy who inspired it*. London: Short Books, 2001.
- CLARK, Larry. *The perfect childhood*. Zurich: Scalo Verlag AG, 1995.
- COCTEAU, Jean. *El libro blanco*. Valencia: La Mascara, 1999.
- ELLENZWEIG, Allen. *The homoerotic photograph*. New York: Columbia University Press, 1992.
- GLOEDEN, Wilhelm von. *Amore e arte*. Taormina: Nino Malambri, 2000.
- GREER, Germaine. *The beautiful boy*. New York: Rizzoli, 2003.
- LEDDICK, David. *The male nude*. Koln: Taschen, 2005.
- MALAMBRI, Nino. *Amore e arte – Wilhelm von Gloeden*. Taormina, 2000.
- MANN, Thomas. *Morte em Veneza*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.
- MARTIN, Luis G. *La muerte de Tadzio*. Madrid: Alfaguara, 2000.
- OPPERMANN, Martin. *Sex tourism and prostitution – aspects of leisure, recreation and work*. New York: Cognizant, 1998.
- SHATTUCK, Roger. *Forbidden knowledge – from Prometheus to pornography*. New York: St. Martin's Press, 1996.
- PRATER, Donald. *Thomas Mann – uma biografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- TRIGO, Luiz G. G. *Entretenimento – uma crítica aberta*. São Paulo: Senac, 2003.
- WOODS, Gregory. *Historia de la literatura gay*. Madrid: Akal, 2001.

Sites referentes a algumas informações contidas no texto:

- | | |
|--|---|
| www.ecpat.net | (End Child Prostitution in Asian Tourism) |
| www.intermale.nl | (livraria especializada em homoerotismo, Amsterdã) |
| www.queer-arts.org | (site especializado em artes) |
| www.gayartgallery.net | (site especializado em artes) |
| www.gaypaintings.com | (Raphael Perez Gay Art) |
| www.leslielohman.org | (Leslie/Lohman Gay Art Foundation) |
| www.belamionline.com | (site com garotos da Europa Oriental) |
| www.heatgay.com | (Festival de cinema internacional erótico gay de Barcelona) |

Sites com ilustrações dos principais autores e autoras sobre a história do erotismo:

- <http://marchese-desade.org>
<http://eroticabibliophile.org>